

- A Comissão de Educação, Cultura e Esporte da Câmara dos Deputados deu parecer favorável e o projeto que estabelece políticas de avaliação docente nas redes pública e privada está pronto para ser votado no Congresso. A proposta está prevista nas diretrizes para os planos de carreira do magistério, elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), já homologadas pelo MEC.

- Em paralelo, o programa Computador Portátil para Professores, do governo federal, já está acessível nas agências dos Correios de 64 municípios brasileiros.

- Uma pesquisa realizada no Rio aponta um cenário preocupante para docentes de todo o país: quase metade dos professores da cidade têm enfrentado problemas de saúde, especialmente relacionados com a voz.

FOCO EMPREGO

Rede de ensino começa a avaliar professores

Após consolidar a cultura de avaliações externas de desempenho de estudantes, por meio de provas nacionais, estaduais e municipais que se proliferaram na rede pública nos últimos anos, o País dá os primeiros passos na avaliação de seus professores. O tema é controverso, desperta reações sindicais e divide acadêmicos e gestores. Mesmo assim, iniciativas isoladas e prerrogativas institucionais têm aberto caminho para um modelo no qual docentes devem passar, mesmo que temporariamente, de avaliadores a avaliados.

“Avaliar o trabalho do professor é imprescindível para a melhoria da qualidade do ensino”, afirma Heloísa Lück, diretora educacional do Centro do Desenvolvimento Humano Aplicado, de Curitiba (PR).

A avaliação do trabalho docente está prevista até mesmo nas diretrizes para os planos de carreira do magistério, elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologadas em junho pelo ministro Fernando Haddad. O texto prevê que cada rede crie avaliações sistemáticas de seus professores e gestores, e que isso possa ser usado dentro de uma política de ascensão na carreira e de reajustes salariais.

Na mesma linha, o Senado discute projeto de lei que cria o Exame Nacional de Avaliação do Magistério da Educação Básica (Enameb). Ele poderá ser aplicado a cada cinco anos aos professores tanto das Escolas públicas quanto particulares.

O projeto foi debatido em audiência pública em 2008 e, neste ano, recebeu parecer favorável da Comissão de Educação, Cultura e Esporte. Agora está pronto para ser votado.

As reações dos professores a propostas desse tipo podem surpreender. Pesquisa feita pela Fundação SM em parceria com a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) com cerca de 8 mil docentes mostrou que 45% deles concordam com uma avaliação de seu trabalho. Cerca de 32% dos entrevistados se mostraram indiferentes e 23% discordaram.

Provavelmente pelas condições de trabalho e progressão na carreira de cada sistema, professores da rede pública foram os que mais discordaram da ideia (25%) e os das Escolas particulares os que mais concordaram (57%).

No entanto, quando colocados frente a frente com uma avaliação concreta, as reações podem ser diferentes. Realizado pela Apeoesp, sindicato paulista dos professores da rede pública, um levantamento com mil docentes mostrou que 96% deles são contrários à proposta da secretaria estadual de criar avaliações a cada três anos na rede, com reajustes salariais de 25% para os mais bem colocados. “Não é esse tipo de avaliação que queremos, que vai beneficiar apenas os 20% melhores”, afirma Maria Isabel Noronha, presidente da entidade.

A proposta da secretaria está em tramitação em regime de urgência na Assembleia Legislativa, onde recebeu pareceres favoráveis. O objetivo do governo é que a medida seja aprovada em breve para entrar em vigor a partir do ano que vem.

“O desempenho dos alunos já é a melhor maneira de avaliar o professor”, analisa Wanda Engel, presidente do Instituto Unibanco. Para ela, exames como Prova Brasil e Saeb, feitos pelos alunos, já funcionam como avaliações docentes.

Na análise de Ocimar Munhoz, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), os professores precisam ser avaliados, mas dentro de um plano de carreira atraente e com perspectivas de crescimento. Além disso, precisam de apoio para melhorar, por meio de uma formação melhor e cursos mais eficientes de formação continuada. (Fonte: <http://noticiasdarede.se.df.gov.br>)

A SAÚDE DO PROFESSOR

Quase metade dos professores cariocas tem problemas de voz

De acordo com o Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (Sinpro-Rio), atualmente 45% desses profissionais estão com problemas de voz, a maioria causada por problemas emocionais, e 50% das licenças médicas no trabalho têm origem em causas psicológicas.

Segundo o presidente do SinproRio, Wanderley Quedo, 30,4% dos professores do Rio tem a Síndrome de Burnout, que é um distúrbio de caráter depressivo, precedido pelo esgotamento físico e mental - do inglês “to burn out”, que significa queimar por completo - e, com o projeto, ele pretende esclarecer mais sobre o caso.

- Esta lei atingiria cerca de 200 mil professores e 12 milhões de alunos do município do Rio - afirma Quedo.

Problemas de voz

O professor de história, Flávio Peixoto Grey, de 43 anos, ficou cerca de quatro meses afastado das três escolas em que trabalha - estado, município e outra particular -, devido a uma fadiga nas cordas vocais. Segundo Flávio, a decisão de dar aulas em mais de um lugar se deve à baixa remuneração e, como muitas não possuem condições necessárias para o exercício da profissão, ele acabou ficando doente.

- As salas de aula não foram projetadas para o professor falar.

Temos que abrir as janelas, por ser um lugar muito quente, e acabamos tendo que competir com o barulho de fora, além da competição de voz com o número excessivo de alunos, que passa do limite de 50 por sala - esclarece Grey, que já voltou a trabalhar nas escolas do município e particular e está trabalhando na biblioteca do colégio estadual, temporariamente - O governo só começa o tratamento quando o problema acontece, não há uma prevenção para isso. Ouvi dizer que agora há um projeto no estado para colocar microfones em salas de aula - acrescenta o professor.

De acordo com o subsecretário estadual de Gestão e Recursos, Sérgio Mendes, este sistema foi implementado no início deste ano letivo e há quatro meses, todos os colégios do estado do Rio já estão com microfones.

- Em todas as unidades estão disponíveis microfones com amplificador individual. O professor que quiser pode decidir que se quer colocar o tipo lapela ou o que chamamos de kit Madonna, para ficar com as mãos livres.

Áreas de risco Outras causas de licenças médicas bastante observadas nesta categoria são estresse e depressão. Além dos motivos descritos acima, a proximidade com a violência é um fator de peso para fazer com que professores cheguem ao seus limites.

Com problemas de síndrome do pânico e hipertensão, o professor Rubens Barbosa Silva, de 57 anos, tirou licença de um mês das duas escolas, localizadas próximo ao Complexo do Alemão, pois “havia chegado à exaustão”.

- Fiquei hipertenso por causa do trabalho, pois a gente vive em tensão permanente com medo da violência. Além disso, as condições de trabalho são péssimas. Não há inspetores, então, além de professores, viramos inspetores, recreadores, tudo - desabafa Rubens, que dá aulas para mais de 200 alunos por dia.

Para o juiz da 26ª Vara de Trabalho, Marcelo Segal, afirma que é comprovado que trabalhar em áreas consideradas de risco gera problemas de saúde, devido à constante sensação de aflição.

- É uma situação conhecida de todos, mas o problema é que a lei não prevê casos como este, do cotidiano, diferente do assédio moral e sexual.

Já o médico legista, Roger Ancillotti, acredita que o grande problema é que os governos não entendem a situação e acabam não oferecendo assistência psicológica para estes profissionais.

- Trabalhar no que não gosta, fazer vários bicos, acrescidos do medo com a violência, são pratos cheios para a depressão e estresse - informa o médico. Rubens está em tratamento, mas já voltou a dar aulas em uma das escolas em que trabalha. - É muito desgastante. Eu já me sinto como um remédio fora da validade, fazendo mal aos alunos. (Fonte: Jornal do Brasil)

FOCO EDUCAÇÃO

2,4 milhões de livros vendidos na Bienal

Cerca de 640 mil pessoas passaram pela XIV Bienal do Livro no Rio. Segundo a organização, ao longo dos 11 dias de evento, foram vendidos 2, 45 milhões de livros, representando um faturamento de mais de R\$ 51 milhões.

O número de visitantes estava dentro do estimado pelos organizadores. O recorde de público aconteceu no sábado (19), quando 100 mil pessoas passaram pelo RioCentro. O evento reuniu mais de cem autores brasileiros e 18 internacionais.

Mais famílias e menos escolas

Ainda segundo a organização, nesta edição houve um aumento de público de bilheteria e uma pequena redução nas visitas escolares em relação à edição anterior. Este ano foram 120 mil estudantes em visita escolar e 520 pessoas em visita espontânea.

“Tivemos sessões concorridas, filas para senhas e a capacidade dos espaços completamente preenchida na maioria das sessões”, afirmou Roberto Feith, vice-presidente do Sindicato Nacional das Editoras de Livros, que credita a segmentação dos espaços e a reorganização da grade como elementos dos resultados positivos. (Fonte: <http://g1.globo.com>)

ENSINO EM DIA

Correios recebem pedidos para computadores

A partir deste mês, estão à disposição dos professores das redes pública e privada computadores portáteis com preços e prazos especiais nos Correios. O programa Computador Portátil para Professores utilizará a rede de lojas dos correios para a captação dos pedidos, que já podem ser feitos em agências de 64 municípios do País, além de repasse aos fabricantes e entrega de notebooks aos compradores. Em uma segunda fase, a venda pelos correios será estendida às capitais e, em seguida, aos demais municípios.

Cada professor poderá comprar pessoalmente nas agências, ao preço máximo de R\$ 1.400, incluindo o frete. Os pedidos devem ser feitos pessoalmente nas agências dos correios que operam com o Banco Postal ou nas agências dos bancos credenciados (Banco do Brasil e Caixa). Para isso, o educador deverá apresentar cópia e original dos documentos pessoais (RG e CPF), contracheque, comprovante de residência e declaração da escola, conforme modelo disponível no site www.computadorparaprofessores.gov.br. (<http://www.oficinadonet.com.br>)

ARTIGO

Fazer uma vaquinha, cabeça de bagre etc - Deonísio da Silva*

A expressão “fazer uma vaquinha” tem a ver com o futebol e com o jogo do bicho. Até 1920, os torcedores pagavam os jogadores com arrecadações voluntárias. Se conseguissem apenas cinco mil réis, o bicho era o cachorro, quantia arrecadada por poucos ou oferecida por um doador apenas. Para arrecadar 25 mil réis, correspondente ao grupo da vaca, era necessária a participação de muitos. Era, então, necessário “fazer uma vaquinha”, no sentido de completar maior quantia. E virou “fazer uma vaquinha”, pelo costume brasileiro de privilegiar o diminutivo.

Um dos primeiros clubes a adotar o costume foi o Vasco da Gama. Por influência do futebol, a expressão passou a outros campos e “fazer uma vaquinha” veio a designar, não apenas a ação de angariar recursos para pagar os jogadores, mas financiar qualquer outra coisa que requeresse a participação de várias pessoas.

Com a profissionalização do esporte, o bicho tornou-se prêmio adicional por bom desempenho, vitória ou goleada. Entre outros, registra esta versão é Ari Riboldi, no livro “O bode expiatório”.

Muitas outras palavras e expressões do futebol vieram para a vida cotidiana: fazer o meio de campo, show de bola, entrar de sola etc.

Outro exemplo é “dar zebra”. Sua origem é também o jogo do bicho, pois a zebra não faz parte do grupo de animais dessa loteria, tão popular no Brasil. Assim, dar zebra é resultado mais do que inesperado.

O jogo do bicho e o esporte uniram-se para criar a expressão, que migrou para vários outros setores, foi o folclórico técnico de futebol Gentil Cardoso, quando treinava a Portuguesa Carioca. Entrevistado às vésperas de partida de seu time contra um dos grandes times do Rio, ele disse: “Amanhã vai dar zebra”, aludindo à camisa listrada do uniforme.

Ninguém acreditou, mas no dia seguinte seu time venceu e a expressão popularizou-se como surpresa, migrando do esporte para vários outros campos.

Também cabeça de bagre é expressão ligada ao futebol. O tamanho diminuto do cérebro desse peixe, incrustado na enorme cabeça, que é desproporcional ao resto do corpo, serviu de metáfora para que o povo identificasse o imbecil como cabeça de bagre, sem hífen depois do Acordo Ortográfico. Até então vinha sendo escrito “cabeça-de-bagre”.

A expressão é usada no futebol para designar o mau jogador, sem inteligência, como neste exemplo de Zagallo, ao comentar as diferenças entre o futebol do passado e o de hoje: “A velocidade atrapalha, porque permite que muito cabeça-de-bagre esteja jogando”.

O futebol tem ainda o “drible da vaca”, já que os primeiros campos foram improvisados em locais de pastagem. Era, pois, comum o jogador ter que driblar, não apenas o adversário, mas também a vaca que porventura entrasse nas quatro linhas à procura de grama para comer.

Às vezes surgem etimologias ainda mais curiosas do que as verdadeiras. Bicho-carpinteiro, por exemplo, já foi dado como derivado de um engano: seria “bicho pelo corpo inteiro”. Ocorre que existe um besouro com este nome, bicho-carpinteiro, que, no estado larvar, faz furos em cascas de árvore. Um menino que estivesse com o bicho-carpinteiro faria em casa o que o inseto faz nas árvores: cutucar o tempo todo em alguma coisa.

* Deonísio da Silva, Doutor em Letras pela USP e professor da Universidade Estácio de Sá, é autor de dezenas de livros, entre os quais *Avante, Soldados: Para Trás* (Prêmio Internacional Casa de las Américas), já publicado em diversos países.